



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, valores e modos de vida

OS CIGANOS TRANSMONTANOS: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DOS CIGANOS EM PORTUGAL

NICOLAU, Lurdes

Doutorada em Ciências Sociais e Humanas, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)

lurdesnicolau@hotmail.com

Resumo

Em Trás-os-Montes, tanto no meio rural como urbano residem dois grupos de ciganos: os *gitanos* ou *quitano*s e os “chabotos” ou “recos”. Estas são as denominações que cada um dos grupos atribui ao outro, mas ambos se autodenominam Ciganos e, segundo os mesmos, as diferenciações entre si são evidentes, em vários aspetos, como o sociocultural, económico, linguístico, moral e também físico, não se verificando qualquer tipo de interação entre eles.

O grupo de ciganos “chabotos”, sobre os quais investigamos, é o mais numeroso na região, habitando no meio rural e urbano e apesar de um percurso vivencial idêntico até época recente, na atualidade diferenciam-se, de localidade para localidade, relativamente às condições socioeconómicas em que se encontram e às relações interétnicas.

Na cidade moram em barracas, em condições de pobreza extrema, essencialmente de ajudas sociais discriminados socialmente. No meio rural, na maioria das localidades onde residem, trabalham como jornaleiros e criaram dinâmicas variadas com os não ciganos, no entanto, nalgumas aldeias não interagem com a população não cigana e limitam-se ao próprio grupo.

Abstract

There are two types of gypsies who live in the province of Trás-os-Montes in rural or urban areas: the *gitanos* or *quitano*s and the “*chabotos*” or “*recos*” (pigs). These are the names that each of them gives the other group but both call themselves “ciganos” (gypsies) and by their opinion the differences between them are evident in various aspects such as socio-cultural, economic, linguistic, moral as well as physical, with no any interaction between them.

The “*chabotos*” are the most numerous in the region, living in rural and urban areas and despite a similar experiential journey up until recent times, today they differentiate themselves, from location to location, in respect of socioeconomic conditions and interethnic relations.

In the city they live in tents in extreme poverty, essentially with social assistance and they are socially discriminated. In rural areas, most of the localities where they reside, they work as diary workers and created multiple dynamics with non-gypsies, however, some villages do not interact with non-Roma population and stay limited to the group itself.

Palavras-chave: ciganos do meio rural e urbano, “chabotos”, *gitanos*

Keywords: Gypsies in rural and urban areas, “chabotos”, “gitanos”

1. Introdução

A presença dos ciganos em Portugal está documentada desde o início do século XVI (Coelho, 1995; Nunes, 1996) e, apesar de ser a minoria étnica que vive há mais tempo no país, um grande número de agregados familiares encontra-se em situação de pobreza extrema e socialmente discriminados (Bastos, 2007)ⁱ.

Se nos reportarmos aos ciganos de Trás-os-Montes verificamos que os trabalhos científicos acerca desta população são muito escassos, apesar de Bragança ser um dos distritos com maior número de ciganosⁱⁱ e destes “reclamarem” uma identidade cultural própria, que os distingue dos outros ciganos, tal como pudemos verificar na investigação efetuada acerca dos mesmos (Nicolau, 2010), onde se pretendia conhecer as especificidades dos ciganos da região, tanto no meio rural, como urbano, bem como as relações interétnicas contribuindo, assim, para alargar o conhecimento científico acerca dos ciganos de Portugal.

O trabalho empírico realizou-se no concelho de Bragança, no meio urbano, em três bairros da cidade (aos quais atribuímos nomes fictícios: Encosta, Horizonte e Largo), com um total de oitenta e cinco indivíduos e em seis localidades do meio rural (que denominamos: Serrania, Freixo, Souto, Ribeira, Fonte e Penedo) com cento e setenta e um indivíduos, tendo decorrido entre outubro de 2005 e abril de 2007. No caso da cidade, para além da realização de entrevistas privilegiou-se a observação direta participante e nas aldeias, com menos tempo de presença no terreno, intensificaram-se as entrevistas a ciganos e não ciganos, até se chegar ao ponto de saturação da informação. Consultamos, também, bibliografia especializada acerca desta temática e efetuamos um intenso trabalho de pesquisa nos arquivos locais.

Assim, os dados que apresentamos têm como base a investigação acima mencionada, sendo que nos centraremos em aspetos identitários dos ciganos transmontanosⁱⁱⁱ, a partir dos quais se diferenciam em relação a outros ciganos. Por outro lado abordaremos as dinâmicas que estabeleceram no meio onde residem, pois, se nalgumas localidades vivem excluídos socialmente e em condições de pobreza extrema, noutras as condições socioeconómicas e habitacionais são, na maioria dos agregados, precárias mas os processos de interação com a população não cigana são contínuos.

2. Os ciganos em Trás-os-Montes: entre “chabotos” e *gitanos*

“Chabotos” ou “recos” e *gitanos* ou *quitanos* são as denominações que cada um dos grupos de ciganos que se encontra na região transmontana atribui ao outro, sendo que ambos se autodenominam Ciganos, nome pelo qual a população não cigana designa os indivíduos dos dois grupos.

Em Trás-os-Montes, o grupo mais numeroso de ciganos, os “chabotos”, atribui ao próprio grupo determinados aspetos identitários, com os quais se identificam e a partir dos quais se diferenciam dos outros ciganos (*gitanos*), que habitam na zona e no resto do país.

Na perspetiva dos “chabotos”, as diferenciações estão presentes em várias dimensões, como a económica, física, cultural, linguística, moral, entre outras, especificando que, para eles, os *gitanos*:

a) Vivenciam e cumprem com maior rigor determinados aspetos específicos da cultura cigana, como por exemplo a celebração de casamentos ou o culto dos mortos. Quanto ao primeiro aspeto, nesta região, a grande maioria pratica a fuga^{iv}, sendo que a união do casal, por vezes, não é definitiva. A este respeito Gonçalves (1981, p. 154) descreve a conversa com um indivíduo, em *Retalhos da vida transmontana no passado e no presente*: “De propósito lhe perguntei: (a um cigano doente na aldeia de Gralhós) «É casado?» Ao que ele respondeu: «Já tive dezassete mulheres» e quantos filhos tem? «Ao certo não sei...»”;

No que diz respeito ao culto dos mortos, aquando da morte do marido, em geral, a mulher *gitana* corta o cabelo curto e cobre a cabeça com um lenço, veste de preto para o resto da vida e não volta a casar. A mulher cigana transmontana não corta o cabelo, passado o período do luto deixa de vestir de preto e pode voltar a casar.

b) Profissionalmente dedicam-se à venda de roupa nas feiras e possuem maior poder económico, que lhes permite usufruírem de determinadas condições sociais, tal como o aluguer de casas.

Eles (gitanos) já se vestem melhor do que nós, já se querem com todas as condições, alquilar casa, ou dão-lhe casa ou compram casa, porque eles já têm dos dinheiros, donde é que nós não temos. Por isso que nós somos sempre o cigano mais pobrezinho (mulher, 37 anos, cigana, extrato de entrevista, Bairro Horizonte).

c) Linguisticamente, cada grupo desenvolveu o seu dialeto (a expressão que utilizam os “chabotos” é “latim”). Alguns indivíduos afirmam existirem semelhanças em determinados vocábulos, enquanto outros são da opinião que se distingue completamente^v.

d) No aspeto moral atribuem-lhes um carácter e atos agressivos, o que contribui, certamente, para o estabelecimento de fronteiras mentais que atuam como barreiras, reduzindo ao mínimo a interação entre ambos os grupos.

e) Em termos de religiosidade aderiram à igreja evangélica, mas como a mesma não tem expressão a nível local, deslocam-se a províncias limítrofes para a prática do culto. Os ciganos transmontanos seguem os rituais da igreja católica tradicional, direcionando as suas práticas sobretudo para as cerimónias de batizados, funerais e missas pelos seus defuntos.

Cada grupo evita determinados locais onde a presença do outro pode ser constante, evita ligações sociais e/ou maritais ou outras e guarda uma distância considerada prudente, de forma a não gerar situações conflituosas. Só uma circunstância de extrema necessidade pode levar a uma interação entre ambos.

(...) cada um tem o seu nome, por exemplo, é como os gitanos, eles também são ciganos mas lá está, já têm o nome deles, são gitanos. Nós também já não temos convivência com essa gente, porque essa gente é muito, muito ... marota e essa gente não dá para conviver. O nosso cigano não dá para conviver com um gitano. (...) São muito marotos, então aí se vê um cigano,... se lhe dá para nos malhar, batem-nos! (...) Pode crer que é verdade! Por exemplo uma filha nossa com essa gente, nós mais a queremos morta que com essa gente. (...) São ciganos sim, eles também são ciganos só que são gitanos, pronto são doutra..., doutra raça (mulher, 55 anos, cigana, extrato de entrevista, Ribeira).

Oh, isso é uma raça muito marota! É outra... como hei de dizer? São mais maus, já é outra raça, já não é como a nossa. A nossa, os ciganos é uma raça, eles já é outra (...) São ciganos mas são gitanos (mulher, 24 anos, cigana, extrato de entrevista, Largo).

Os ciganos “chabotos” além de se encontrarem por toda a área geográfica transmontana, tal como nos distritos de Bragança, Chaves ou Vila Real deslocaram-se também para outras regiões do país.

No distrito do Porto residem algumas famílias que Rodrigues (2006) identifica possuírem relações de parentesco com os ciganos, por ele estudados, em Carrazeda de Ansiães.

Na cidade do Porto, Magano (1999) refere que os ciganos que faziam parte do seu objeto de estudo se consideravam diferentes dos outros ciganos. Segundo a autora, os outros “chamam-lhes “chabotos”, “beirões”, ou então “ciganos portugueses”. Por seu turno, quando estes se referem aos outros ciganos que não os do grupo a que dizem pertencer, designam-nos de “espanhóis” ou “guitanos” (modo como pronunciam gitano) (*Ibidem*: 178). Entre “chabotos” e *guitanos*, tal como sucede em Bragança, “normalmente não há comunicação entre estes dois grupos de ciganos” (*Ibidem*). De acordo com a mesma fonte, “o tipo de grupo cigano a que esta comunidade defende pertencer, estende-se sobretudo pela região norte de Portugal, sobretudo no interior Norte (Trás-os-Montes). Muitos deles terão emigrado para Espanha” (*Ibidem*).

Em Coimbra, os “chabotos” que compõem a comunidade do Laranjal provêm da zona de fronteira com Espanha, dos concelhos e vilas adjacentes a Miranda do Douro que se deslocaram para essa região e aí se estabeleceram (Gonçalves, 2001). Os *gitanos/quitanos* e, na perspetiva de Gonçalves, os ciganos mais incluídos, para se diferenciarem do fraco estatuto que têm na sociedade, apelidam-nos de “chabotos”. Esta

palavra, de origem espanhola, misturada com o romani significa pessoas que vivem em *chabolas*, ou seja, em barracas (*Ibidem*, p. 209).

No que diz respeito aos *gitanos* do concelho de Bragança, no início de 2007 residiam em meio urbano dois agregados familiares, com laços de parentesco entre si, num total de nove indivíduos que, profissionalmente, se dedicavam à venda de roupa nas feiras.

Esta família, oriunda da Beira Alta, estabeleceu-se em Mirandela há várias décadas e, posteriormente, nos anos 90 do século passado, deu-se um desmembramento, devido à formação de “contrários”^{vi}, o que levou alguns dos seus membros a deslocarem-se para Bragança, onde residem até à atualidade.

Na perspetiva dos *gitanos* as diferenciações com os “chabotos” são claras, acentuando sobretudo razões de ordem moral (diferenças de estatuto e de atitude civilizacional), para justificar o afastamento em relação aos mesmos. A “autenticidade” do cigano centra-se no grupo ao qual pertencem e os “recos” ou “chabotos”, segundo afirmam, só se encontram nesta região.

Eles são tipo daquelas pessoas das aldeias, mais. Algum traço cigano mas não são gitanos, eles só são gitanos porque estão a viver no monte e as pessoas pensam que eles são gitanos. Eles não são gitanos mesmo, eles são recos, “chabotos”. Gitanos somos nós, eles são “recos”, “chabotos”. Como é que eu hei de explicar? Nas aldeias há muitos gitanos desses mas esse cigano só é usado em Trás-os-Montes, não há em mais lado nenhum (...). Nós somos gitanos, eles são “recos”! Não é cigano, é “reco”, “chaboto”! Vem da palavra chabola, que é cigano de barraco! (...) Porque eles são capaz, por exemplo, mesmo a sociedade hoje em dia, se lhe der uma casa, eles são capaz de estar em sua casa mas não terem limpeza, nem higiene, nem horas para comer! (...) É raro (convivência). Vim-los vir, até já me perguntaram se era dessas famílias, muitas vezes: “Oh pá, tu és cigano!” “ Mas sou cigano diferente, eu sou cigano parecido com o aldeano e eu não sou “reco”! Que é o caso de muitos. E mesmo as mulheres, as mulheres gitanas da nossa tradição gostam muito de se produzir e essas coisas e a mulher do “reco” não! É que elas..., elas não têm..., mesmo uma pessoa olha para elas não sente aquela... “Ai que cigana tão linda!” Enquanto que a nossa tradição já é diferente! (as mulheres deles) não fascinam. (...) Porque eles têm outras maneiras de viver. Eles vivem noutras culturas diferentes, mesmo. Mesmo dos hábitos, dos costumes, mesmo a pessoa em si, é diferente. Nós, você olha para nós, temos outra aparência da deles, mesmo na maneira de estar e essas coisas assim. (...) Mas eles podem ter aos mil, dois mil contos no bolso, mas eles preferem estar numa instituição a pedir! (risa)(homem, 26 anos, gitano, extrato de entrevista, Bragança).

Estes gitanos identificam-se com os espanhóis em vários aspetos como o cultural, social, tal como na linguagem ou calão por eles utilizado, que designam de *romanó* e, na sua opinião, não é idêntico ao dos “chabotos”.

Alguma coisa, mesmo na música, flamenco, nós gostamos muito. E mesmo os casamentos gitanos é quase igual aos nossos, dos espanhóis, é tal e qual, nos costumes. O romanó, nós temos o romanó que é aquelas palavras nossas que nós utilizamos no nosso dia-a-dia, o cigano espanhol é quase igual ao nosso, enquanto o do “reco”, o cigano “reco” é diferente! (...) Nós já é diferente, nós usamos o nosso calão mas em certas e determinadas situações. (...) É mais parecido com o espanhol, porque nós não temos nada a ver com os “recos”, é outra maneira diferente (homem, 26 anos, gitano, extrato de entrevista, Bragança).

No concelho de Bragança não se encontravam *gitanos* a residir em meio rural, no entanto noutras concelhos tal como Mirandela ou Torre de Moncorvo havia famílias que povoavam algumas aldeias.

3. Gitanos “chabotos”: percurso vivencial

Em tempos passados, os ciganos da região transmontana deslocavam-se por diversas povoações (normalmente as famílias tinham um circuito circunscrito a determinadas localidades), praticando a mendicância, pois esta era uma forma de adquirirem bens alimentares para a sua subsistência.

A pedir, hoje aqui, amanhã além, passado numa aldeia, passado noutra! Com o tacho para que lhe botassem lá azeite! (...) A pedir pelas casas, a pedir um bocado de carne, de batatas, o que lhe davam as mulheres! Às vezes dava agulhas em troca de batatas (mulher, 24 anos, cigana, extrato de entrevista, Bairro Horizonte).

(Os ciganos) Eram ambulantes. (...) íamos a pedir esmola, para fazer de comer! (...) De casa em casa e de aldeia em aldeia. (...) Por ali pela zona de Vinhais (mulher, 37 anos, cigana, extrato de entrevista, Bairro Horizonte).

Algumas famílias, tal como refere Alves (1982), dedicavam-se à troca e/ou venda de animais, sobretudo asinino e cavalar, nas feiras da região e ao fabrico de cestaria, mas com o aparecimento da maquinaria agrícola que veio substituir o trabalho dos animais e com a entrada dos utensílios de plástico no mercado, estas atividades, aos poucos, foram abandonadas.

Na década de 60 e 70 do século passado, verificou-se um elevado fluxo migratório para o estrangeiro e, tal como os não ciganos, a população cigana emigrou, sobretudo para Espanha, à procura de melhores condições de vida, fixando-se em várias províncias do país vizinho. De acordo com Pereira (1992, p. 13), nos anos 90 do século passado, em Pontevedra viviam cinquenta a sessenta ciganos portugueses provenientes da região de Chaves; em Vigo calculava-se que fossem quinhentos os ciganos portugueses em atividades marginais; nas Astúrias cerca de uma centena em Segadas e cento e cinquenta em Tremanes, dedicando-se à mendicância; em Santander viviam cento e cinquenta ciganos, provenientes de Chaves e Bragança, inicialmente a trabalhar na construção civil, passando mais tarde para o negócio nas feiras e mercados e em Miranda de Ebro cerca de uma centena, provenientes de Mogadouro. Nos anos de crise dispersaram-se por Vitória, Logroño, Burgos e outros centros urbanos. Um grande grupo de ciganos mendigos vivia em bairros de lata, nos arredores de Madrid. Em Valladolid existia outra colónia, assim como em Leão, Sevilha, Zamora, Salamanca, quase todos provenientes do Nordeste Transmontano.

Na década de 60 e seguintes, do século XX, o Nordeste Interior Português sofreu um êxodo populacional sem precedentes, assistindo-se a uma debandada contínua da população ativa mais jovem caminhando-se, assim, para um processo de desertificação (Cepeda, 1991)^{vii}.

A perda de trabalhadores no meio rural e a consequente escassez de mão-de-obra foram algumas das razões que levaram os aldeanos (nome utilizado pelos ciganos quando se referem aos não ciganos) a valorizar o trabalho dos ciganos que, pouco a pouco, começaram a trabalhar como jornaleiros.

Nas diferentes localidades por onde se deslocavam, os ciganos também criaram laços de compadrio e relações de confiança com os aldeanos e, com o decorrer dos tempos, adquiriram terrenos, onde posteriormente edificaram ou compraram casas abandonadas ou corriças, à época afastadas do núcleo populacional da aldeia, onde passaram a residir regularmente.

Anteriormente, sem habitação, pernoitavam em locais que os agricultores lhes cediam, como palheiros, corriças, cabanaís ou erguiam toldos nas proximidades das localidades, que os próprios transportavam e lhes serviam de abrigo. Por vezes, nas localidades onde “acampavam” (expressão usada pelos próprios) ajudavam os agricultores nos trabalhos agrícolas, já que alguns necessitavam de muita mão-de-obra, tal como na época das ceifas.

Na década de 80 do século passado algumas famílias deslocaram-se para a cidade de Bragança, por motivos familiares ou por considerarem que o mercado de trabalho urbano lhes proporcionava mais possibilidades de trabalho.

Assim, na atualidade, os ciganos da região encontram-se sedentarizados há várias décadas em muitas localidades do meio rural e também no meio urbano, com condições socioeconómicas e habitacionais diversas.

Trata-se de uma população muito jovem, contrariamente à população não cigana do concelho que em 2006 apresentava 13% de crianças dos zero aos catorze anos e 20% de idosos com mais de sessenta e cinco anos, de um total de 34625 indivíduos. A população cigana que compunha o nosso objeto de observação, em 2007, era de duzentos e cinquenta e seis indivíduos, dos quais 40% se enquadravam na faixa etária dos zero aos catorze anos e apenas 2% de idosos, com mais de sessenta e cinco anos.

No concelho de Bragança, para além das aldeias onde se encontravam famílias ciganas residentes, havia também localidades onde construíram casas mas moravam no estrangeiro (sobretudo Espanha), regressando apenas em determinadas épocas do ano, como no verão ou em novembro, para a celebração do dia de Todos os Santos.

Em meio urbano, os ciganos residiam nos bairros onde decorreu o trabalho empírico e em várias zonas da cidade, em casa própria (alguns casos com boas condições habitacionais), alugada ou em bairros sociais.

Em 2007 contabilizamos cento e trinta e seis agregados familiares a residir no concelho que correspondia a um total de quinhentos indivíduos, dos quais quarenta e quatro (32, 3%) eram mistos, ou seja, um dos cônjuges não era cigano. Destes, os casais com mulher cigana representavam 61,4% em relação aos casais com homem cigano (38,6%).

Os números que acabamos de expor revelam uma aproximação da realidade em relação à totalidade da população cigana que habita no concelho pois consideramos, tal como Liégeois (2001, p. 56), que os ciganos economicamente bem sucedidos se tornam invisíveis para uma boa parte da população.

4. Situação socioeconómica e habitacional na atualidade

Em Bragança, os ciganos dos bairros onde decorreu o trabalho empírico tinham condições socioeconómicas muito desfavorecidas, uma vez que estavam desempregados e viviam, sobretudo, de apoios sociais (Rendimento Social de Inserção). Por vezes, por motivos de incumprimento, a prestação era-lhes cessada, pelo que procuravam outras formas de subsistência, normalmente realizando atividades agrícolas nas proximidades e/ou, temporariamente em Espanha.

O mercado de trabalho urbano, cada vez mais exigente e competitivo, não os inseria, pois tratava-se de uma população com baixa escolarização e formação, fator associado, segundo os mesmos, à discriminação e preconceito de que são alvo, por parte da sociedade maioritária.

O seu contexto económico de pobreza refletia-se nas suas condições habitacionais que eram muito precárias, não lhe permitindo a compra ou aluguer de casa, por isso viviam em barracas e casas em avançado estado de degradação. As primeiras eram construídas pelos próprios, com materiais diversos, como chapas de zinco, tábuas soltas, entre outros desperdícios de materiais que encontravam e reutilizavam. As casas também não tinham as mínimas condições de habitabilidade e conforto e eram propriedade do município, tal como os terrenos onde construíram as barracas (à exceção do bairro da Encosta, onde algumas barracas se encontravam em terrenos de proprietário particular), sendo que dois dos bairros onde decorreu o trabalho de campo se localizavam na periferia de bairros, também eles periféricos, impercetíveis para quem passa nas proximidades.



Imagem 1- Aspeto do bairro Horizonte. Google Earth-Image©2008 DigitalGlobe

Para além da fragilidade dos materiais com que as barracas eram construídas, não tinham instalação de luz elétrica, água canalizada nas habitações^{viii}, casas de banho e saneamento básico. Por outro lado, os espaços envolventes também careciam de arranjos uma vez que não se encontravam asfaltados e no inverno, com os dias chuvosos tudo ficava enlameado, dificultando a deslocação de pessoas e automóveis.

Como as famílias, na sua generalidade, eram numerosas e quando por vezes se formavam novos agregados familiares, os espaços tornavam-se exíguos, pelo que recorriam a carrinhas que adaptavam para dormir e/ou a rulotes.



Imagem 2- Aspeto das habitações

Para além dos agregados familiares residentes nestes bairros, os ciganos vivem por toda a cidade, como referimos anteriormente, concentrando-se em maior número em determinadas zonas, sendo que algumas famílias possuem condições económicas e habitacionais razoáveis ou boas, normalmente de recursos provenientes da emigração, sobretudo para Espanha ou França. Outras, no entanto, apesar de terem emigrado regressaram, sobretudo por razões familiares, mas sem meios económicos que lhes permitisse alterar as suas condições de vida.

No meio rural, em quatro das localidades onde decorreu o trabalho empírico, os ciganos residentes trabalhavam essencialmente como jornaleiros, assegurando os trabalhos agrícolas dos aldeanos, pois esta população está muito envelhecida, como vimos anteriormente, e consequentemente fragilizada para a realização de tarefas que requerem grande esforço físico.

Aqui vamos ganhando uma jeira, quando nos aparece! (...) Por exemplo, para mim, é para as batatas, para a azeitona, para a castanha. (...) Não é uma coisa certa. Castanha, o muito que poderá dar, alguns oito dias, quinze, depende daquilo que houver (mulher, 44 anos, cigana, Penedo, extrato de entrevista).

Os trabalhos agrícolas eram efetuados tanto pelos homens, como pelas mulheres e, como complemento às suas economias, cultivavam produtos essencialmente hortícolas em terrenos que os próprios adquiriram ou que lhes eram cedidos pelos não ciganos.

Eu sempre semeei as minhas batatinhas e os meus feijões. (...) Emprestaram-me sempre a hortinha para eu poder semear e eu sempre tratei disso eu sozinha que o meu homem só mos metia à terra e tirava, que do resto mais nada. Eu ia à jeira de tudo: das batatas, das castanhas, de tudo. (...) Eu chegava a levar os meninos para ir a regar. Levava um xailezinho, deitava-os no chão e eu lá cavava e regava e fazia tudo, nunca tive ninguém que me pusesse a mão. (...) Eu depois acabavam as castanhas eu ia ao rebusco com os meus filhos (mulher, 39 anos, cigana, extrato de entrevista, Serrania).

Às vezes arrendam-nas (aos ciganos), esses emigrantes que estão na França. Olha, trabalhai aquela terra, fabricai aquela terra! É assim. (...) Fabricam a horta, batatas, feijão, cebolas, isso que pertence à horta (mulher, 76 anos, aldeana, extrato de entrevista, Freixo).

Esta situação não se verificava nas duas povoações restantes, onde os ciganos só pontualmente e determinados indivíduos exerciam trabalhos agrícolas para os não ciganos. Numa das localidades, em Souto, viviam de apoios sociais (Rendimento Social de Inserção), tal como alguns agregados familiares de Ribeira, mas, nesta localidade, a maioria deslocava-se sazonalmente para Espanha ou outras regiões do país (normalmente concelhos próximos), onde realizavam trabalhos agrícolas, como a apanha da azeitona, vindima, ou outros.

As condições de habitabilidade, pelo geral, eram muito precárias, contudo, alguns agregados familiares de localidades como Serrania ou Freixo tinham condições razoáveis, tratando-se normalmente de casamentos mistos ou indivíduos que haviam emigrado.

Em Souto compraram casas antigas, abandonadas, assim como noutras povoações ou adquiriram terrenos, onde posteriormente edificaram, como em terrenos pertencentes às juntas de freguesia. Muitas construções encontravam-se inacabadas, tendo em falta divisões de compartimentos, chão e paredes cimentados, azulejos/mosaicos ou pintura e, nalguns casos, careciam de água canalizada, luz elétrica, saneamento e casas de banho e no espaço exterior contíguo às habitações os acessos não se encontravam pavimentados.



Imagem3- Aspeto das habitações^{ix}

A localização das habitações em relação ao núcleo populacional variava nas diferentes aldeias, encontrando-se a) dispersas pela localidade b) aglomeradas, num espaço contíguo, com vizinhos nas proximidades e c) afastadas das aldeias, sem vizinhos nas imediações, fator que determina, certamente, as relações de sociabilização dos ciganos com a comunidade não cigana do seu meio envolvente.

5. Relações interétnicas

As relações sociais dos ciganos que residiam em meio urbano limitavam-se ao grupo, pois interagiam com os seus familiares residentes no bairro, bem como, por vezes, de outros bairros da cidade e, com menos frequência, com os familiares de localidades próximas.

Nós damo-nos assim com os ciganos e assim. Mas com os aldeanos, sem ser com a professora Antónia e a professora Ângela, não temos relações com mais ninguém. (...) Convivemos, convivemos uns com os outros (mulher, 23 anos, cigana, extrato de entrevista, Bairro Horizonte).

Olhe, nós nunca vamos para ao pé de um aldeano, nunca saímos daqui de casa, estamos longe dos aldeanos (mulher, 27 anos, cigana, extrato de entrevista, Bairro da Encosta).

As relações com os não ciganos eram, sobretudo, a nível económico e institucional, no primeiro caso através da compra de bens para o seu dia-a-dia, como alimentos, vestuário ou outros, por vezes em negócios, sobretudo de automóveis e em trabalhos pontuais essencialmente agrícolas, assalariados (quando não usufruíam de ajudas sociais). A relação institucional prendia-se com o facto de se dirigirem com alguma frequência a determinadas instituições, públicas (como a Câmara, Segurança Social, escolas) ou de cariz social, onde por vezes criavam relações de compadrio com indivíduos que aí trabalhavam, com o intuito de obterem apoio, em caso de necessidade (como esclarecimentos acerca do funcionamento de determinados serviços ou preenchimento de boletins variados).

Nas diversas localidades do meio rural as relações interétnicas processavam-se de forma diferenciada. Em Penedo, Ribeira, Fonte e Souto, os agregados familiares ciganos residiam num espaço contíguo^x e, de um modo geral, a sua sociabilização ocorria em contexto intragrupal, ou seja, entre as famílias da mesma localidade e, por vezes, com familiares de localidades vizinhas.

Em Serrania e Freixo as famílias ciganas dispersaram-se e estabeleceram-se noutros concelhos ou no estrangeiro, por motivos como a emigração ou a ligação marital noutras localidades, fator que afetou a dinâmica com a família alargada e levou ao desenvolvimento das suas relações concentradas na família nuclear.

Nós vivos somos onze. Cada um para seu lado, o Jorge está em Bragança, a minha Ana Maria, a mais nova, está em Macedo, a Judite está cá, a Alzira está em Ribeira e o Duarte está para a Espanha, o Manuel está para a Espanha também. Agora está o mais novo ao pé da minha mãe e está lá outro em (aldeia do concelho de Mirandela) também, que é o Pedro (mulher, 38 anos, cigana, extrato de entrevista, Freixo).

Nestas duas localidades, o número de casamentos mistos era elevado, pois, de um total de nove agregados familiares na primeira aldeia e quatro na segunda, seis e três eram mistos, respetivamente, podendo este facto traduzir uma interação dinâmica entre ciganos e não ciganos.

Em Ribeira e Souto a convivência entre ciganos e não ciganos era mínima, sendo que os primeiros não participavam da vida social, laboral, religiosa, ou outra, da aldeia, no entanto, os indivíduos ciganos entrevistados referiam sentirem-se confortáveis na respetiva localidade.

6. Conclusão

Na região transmontana encontram-se dois grupos de ciganos que se autodiferenciam entre si, uma vez que, segundo os mesmos são vários os aspetos identitários que os distinguem, tal como a nível económico, cultural, linguístico, religioso, entre outros.

Os “chabotos”, assim chamados por outros ciganos, a quem eles denominam *gitanos*, são o grupo mais numeroso que habita em Trás-os-Montes e sobre os quais incidiu o presente artigo.

Os “chabotos” do meio rural e urbano, apesar de um percurso vivencial idêntico até época recente, na atualidade estabeleceram dinâmicas diversificadas nas diferentes localidades onde residem, que se reflete nas suas condições socioeconómicas e habitacionais, bem como nas relações interétnicas com a população não cigana.

Enquanto na cidade vivem excluídos económica e socialmente, tal como em duas das localidades do meio rural, nas restantes aldeias os processos de interação com a população não cigana desenvolvem-se de forma dinâmica.

O estudo do grupo mais numeroso de ciganos que habita no Nordeste Transmontano contribuiu para a desomogeneização dos ciganos de Portugal, uma vez que os “chabotos” se encontravam invisibilizados, até ao momento.

Bibliografia

Alves, Francisco Manuel (1982). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança ou Repositorio amplo de noticias chorographicas, hydro-orographicas, geologicas, mineralogicas, hydrologicas, bio-bibliographicas, hiralgicas, etymologicas, industriaes e estatisticas interessantes tanto á historia profana como ecclesiastica do districto de Bragança*. Bragança: Tipografia Académica, tomo V.

Bastos, José Gabriel Pereira (2007). *Sintrenses Ciganos - Uma abordagem estrutural-dinâmica*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra/ Divisão de Saúde e Ação Social.

Cepeda, Francisco José Terroso (1991). *Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português*. Bragança: IPB.

Coelho, Adolfo (1995). *Os ciganos de Portugal. Com um Estudo sobre o Calão*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura (2008). *Relatório das audições efectuadas sobre Portugueses Ciganos no âmbito do Ano Europeu para o Diálogo Intercultural*. Lisboa, (Doc. PDF).

Freire, Clotilde Tomé Reino (2004). *Multiculturalismo Escolar: Uma Análise Comparativa*. Curso de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para professores do 1º CEB, IPB/ESE, Bragança, Portugal.

Gonçalves, Bruno (2001). Pontes sem margens. In AA.VV. (Ed.), *Que sorte, Ciganos na nossa escola* (pp.205-212). Lisboa: Centre de Recherches Tsiganes, Secretariado Entreculturas.

Gonçalves, João (1981). *Retalhos da vida transmontana no passado e no presente*. Izedá: Tipografia da Escola Profissional de Santo António.

LIÉGEOIS, Jean Pierre (2001). *Minoria e escolarização: o rumo cigano*. Lisboa: Centre de Recherches Tsiganes, Secretariado Entreculturas, Ministério da Educação.

Magano, Olga (1999). *Entre ciganos «portugueses»: Estudo sobre a integração social de uma comunidade cigana residente na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberto, Porto, Portugal.

Nicolau, Lurdes Fernandes (2010). *Ciganos e não ciganos em Trás-os-Montes: investigação de um impasse inter-étnico*. Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

(2003). *A comunidade cigana portuguesa em Pamplona: Aculturação e preservação dos aspectos culturais do país de origem*. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

(2006). Os ciganos transmontanos: Uma nota etnográfica. In Susana Pereira Bastos e J.G.P Bastos (Ed.), *Filhos Diferentes de Deuses Diferentes. Manejos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural dinâmica* (pp. 237-249). Lisboa: ACIME.

Nunes, Olímpio (1996). *O povo cigano*. 2ª ed., Lisboa: Ed. autor/ Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos.

Pereira, Inocêncio (1992). Ciganos continuam a ser marginalizados. In *Mensageiro de Bragança* (pp. 7-13).

Rodrigues, Hélder (2006). *Ciganos: Percursos de integração e reivindicação da identidade - o exemplo paradigmático dos ciganos de Carrazeda de Ansiães*. Guimarães: Editora Cidade Berço.

ⁱ De acordo com a Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura (2008, p. 22), cerca de 7000 ciganos, equivalendo a 18% da sua população, vive em barracas/tendas, num universo estimado de 40000 pessoas.

ⁱⁱ Não existem dados oficiais sobre o número de ciganos em Portugal, uma vez que a Constituição Portuguesa interdita a recolha de dados étnicos e religiosos. No entanto, segundo Bastos (2007, p. 41), “as estatísticas escolares permitem inferir que sejam cerca de 50 mil, distribuídos por todo o continente (ao contrário das restantes minorias étnicas, concentradas ao redor da capital), com concentrações proporcionalmente relevantes no Interior Norte (Bragança e Guarda), no sul do país (Beja e Faro) e em torno da capital (Lisboa e Setúbal) onde, em termos absolutos, se agregam cerca de um terço”.

ⁱⁱⁱ Denominaremos o grupo de ciganos mais numeroso da região de ciganos transmontanos, ou “chabotos”, ou simplesmente ciganos, tal como os próprios se autodenominam, individualmente e ao seu grupo.

^{iv} Acerca desta temática ver Nicolau, 2003 e Nunes, 1996.

^v Acerca do calão dos ciganos do distrito de Bragança e sua significação, consultar Alves, 1982, pp. 198-201 e Freire, 2004, pp. 36-39. Nunes apresenta um glossário cigano, que denomina *Dialectos Romanés*, 1996, pp. 449-458. A propósito desta temática ver, ainda, Coelho, 1995.

^{vi} A aplicação da Lei dos Contrários, apenas dentro do grupo étnico, é a causa número um das mortes entre ciganos (Bastos, 2007, p. 167). O mesmo autor refere que os “contrários” “emergem aquando do desafio à honra de uma das famílias” (*Ibidem*, p. 168). Este “pode acontecer, por exemplo, quando uma jovem cigana que já se encontre comprometida (pelos seus pais) a um jovem cigano rompa esse acordo fugindo com outro rapaz. Em regra, qualquer ato que desonre a outra família pode originar contrários” (*Ibidem*, nota rodapé, p. 113).

^{vii} Na perspetiva de Cepeda (1991, p. 11), na origem da emigração encontramos a fome, a miséria, a insegurança e as desumanas condições de trabalho pois os assalariados trabalhavam de “sol a sol”.

^{viii} No bairro Horizonte e Largo havia uma torneira de água no recinto para o abastecimento geral e no bairro da Encosta só um agregado familiar tinha água canalizada. Os restantes recorriam a essa família ou a uma escola do 1º ciclo que se encontrava nas proximidades.

^{ix} A fotografia das habitações de pedra é de Margarida Eiras.

^x Em Ribeira, a maior parte dos agregados familiares ciganos concentravam-se num espaço contíguo, no entanto na aldeia residiam outras famílias que se localizavam noutras zonas.